



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

AS PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGENS E APOIOS AOS ALUNOS COM DISLEXIA NO ENSINO SUPERIOR

Clarice Rejane Lima Ferreira Tomaz ¹

RESUMO

A dislexia é uma perturbação da aprendizagem específica, que se manifesta numa dificuldade significativa na aprendizagem da leitura. Caracteriza-se essencialmente pela existência de dificuldades ao nível do reconhecimento preciso e fluente de palavras escritas, da descodificação e da capacidade de soletração que se manifestam nos primeiros anos escolares até à idade adulta. Nota-se, portanto, que a dislexia acompanha todo o percurso académico do indivíduo, sendo necessárias estratégias para facilitação da aprendizagem. Partindo disso, este trabalho teve como objetivo conhecer as percepções dos discentes com dislexia em uma Universidade pública no Brasil a respeito das estratégias de aprendizagem e apoios utilizadas por eles no ambiente académico. Assim, esta investigação de campo é caracterizada em seus objetivos de forma descritiva, com uma abordagem qualitativa, sendo aplicada nas dependências da própria Universidade com nove estudantes disléxicos que de forma voluntária responderam a uma entrevista semiestruturada. Percebeu-se, as estratégias e as metodologias utilizadas em sala de aula, em que constatou-se a necessidade que de adequações para atender as necessidades dos alunos com dislexia, já que uma das dificuldades apontadas foi o desconhecimento de formas de ensino eficientes por parte dos docentes. No entanto, percebeu-se que as investigações na área da dislexia no Ensino Superior no Brasil ainda são incipientes, sobretudo, parecem discutir as estratégias para aprendizagem que os estudantes adotam para permanência na Universidade.

Palavras-chave: Dislexia, Adultos, Ensino Superior, Estratégias, Discentes.

INTRODUÇÃO

Esta investigação académica tem a pretensão de compreender as dificuldades encontradas por alunos disléxicos no Ensino Superior. Entretanto, tais dificuldades manifestam-se já nos primeiros anos escolares, perdurando até à idade adulta. Isto confirma que as habilidades de leitura e escrita são condições fundamentais para a permanência e sucesso dos alunos em todo percurso académico, já que se parte do princípio de que elas transpassam inúmeras outras competências, como se comunicar, compreender, refletir, registrar e interpretar, atividades básicas em qualquer área ou curso superior. Todavia, pode-se identificar

¹ Mestranda em Educação Especial Necessidades Educativas Especiais- Domínio Cognitivo e Motor, Universidade do Minho, Professora Substituta de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. clarice.rejane@hotmail.com.



alunos no Ensino Superior-ES com algumas dificuldades nestas habilidades, sobretudo, de forma significativa na leitura, denominada dislexia².

Ainda que a perturbação da Dislexia esteja relacionada com a aprendizagem da leitura, ela pode ter consequências noutras áreas académicas, incluindo no nível emocional e comportamental. Nota-se, portanto, que a dislexia acompanha todo o percurso académico do indivíduo, sendo necessárias estratégias, apoios e metodologias adequadas para facilitação da aprendizagem.

O ato de ler e escrever configuram-se como ações complexas que envolvem diferentes circuitos nervosos, sobretudo, da região occipital-temporal do hemisfério esquerdo do cérebro responsável pela análise da visualidade das palavras segundo Dehane (2012). Os aspectos fonológico, auditivo, visual, da atenção e da memória são ativados (SHAYWITZ et al., 1998). Ao demonstrar limitações ou disfunções nesta área, podem ocorrer dificuldades na leitura e na escrita como nota-se na dislexia. De acordo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, a dislexia encontra-se na categoria dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, como um Transtorno Específico de Aprendizagem.

A dislexia configura-se num transtorno da aprendizagem que se manifesta especificamente na leitura e escrita, especialmente no processo fonológico, ou seja, na habilidade de compreender a estrutura da palavra no que diz respeito aos sons (SNOWLING E HULME, 2013), caracterizada por uma desordem neurobiológica que pode ter um fator hereditário. Esta interfere no reconhecimento das palavras, comprometendo o entendimento da leitura e vocabulário empobrecido, segundo afirmam Vellutino e Fletcher (2013).

Quanto mais cedo a dislexia for identificada, mais oportunidades o indivíduo terá em amenizar suas dificuldades, contando com o apoio da família e da escola. E para que isso aconteça, o olhar atento do professor se faz absolutamente necessário. Neste contexto, o referido profissional desempenha um papel importante no aprendizado da leitura e escrita, pois age como um observador do comportamento da criança em sala de aula, entendendo, percebendo suas dificuldades e potencialidades (NASCIMENTO ET AL, 2018).

² O termo dislexia foi utilizado pela primeira vez em 1872, porém conhecido como “cegueira verbal”. Em 1917, o termo recebe uma resignificação como uma dificuldade em ler e escrever, não interferindo na inteligência, sendo ela normal. Neste período, os aspetos genéticos foram indicados como principal causador da dislexia (ROTTA ET AL., 2006).



A dislexia pode ser classificada em dois grupos: a adquirida, causada por uma lesão cerebral em que o indivíduo hábil e proficiente na leitura, perde a habilidade de compreensão do significado de informações do que há escrito; o outro grupo, vinculado ao desenvolvimento, é iniciado desde os primeiros anos na escola, podendo persistir até a idade adulta, já que, não há exclusão total dos sintomas conforme os estudos de Bogdanowicz et al. (2014) e Law et al. (2014).

Logo, a dislexia nas crianças manifesta-se em prejuízos na precisão, enquanto no adulto, é através da velocidade da leitura, ou seja, afeta a fluência enquanto os sujeitos leem, conforme afirma Shaywitz (2006). De acordo com Moojen et al. (2016), a pessoa com dislexia, apesar de apresentar normalidade em níveis de intelectualidade, respondem de modo mais lento às intervenções terapêuticas e educacionais específicas. Entretanto, estas intervenções são necessárias para o melhoramento da leitura e da escrita, além do diagnóstico precoce, contexto familiar e acadêmico.

Assim como as crianças, os adultos também possuem dificuldades no processamento fonológico (processamento de fonemas), tanto ao nível da decodificação (leitura de pseudopalavras) como também na consciência fonológica e, em menor grau, ao nível da memória fonológica. Portanto, défices no processamento fonológico e nomeação rápida presentes na dislexia infantil, tendem a persistir na idade adulta, segundo o que foi verificado em análises por Inácio (2015). No entanto, ao que se refere ao reconhecimento das palavras, os adultos conseguem superar estas dificuldades ao longo dos anos (BRUCK, 1990).

O discente com Dislexia percebe a produção textual de modo complexa, já que, exige funções cognitivas sofisticadas, bem como habilidades básicas de escrita segundo Basso et al. (2017). Em achados destes autores, o grupo de disléxicos analisados por eles destacou os seguintes aspectos: frequência da partícula “e” nas tarefas de leitura e escrita, sendo que quanto maior o Quociente de Inteligência (QI), menor a incidência de “e” nas produções textuais escritas; maior incidência de adjetivos; grande número de palavras para expressar uma ideia dentro da sentença; menor número de palavras de conteúdo, ou seja, palavras que apresentam conteúdo lexical, menor incidência de sintagma e menor ambiguidade de substantivos.

Em alunos disléxicos do ensino médio e do ensino superior, Tannock (2005) observou que possuíam uma leitura lenta e com esforço, tanto de palavras isoladas como de textos; grandes falhas na escrita ortográfica; necessidade de releitura; dificuldades na pronúncia de palavras polissílabas; limitações em realizar inferências de textos escritos; esquivar-se de atividades que demandem leitura em geral.



Pode-se observar que existem muitos fatores envolvidos no diagnóstico da dislexia em adultos e salienta-se a necessidade de adequar o aluno em sala de aula para que se possa apresentar maior aproveitamento acadêmico. O que ocorre é que os alunos que apresentam dislexia necessitam de uma orientação específica e adequada, para sua adaptação frente às exigências acadêmicas (ROCHA ET AL., 2009).

Para Olivier (2006), estimular o aluno em aulas de criatividade, não exigir bom desempenho em aulas teóricas, não deixar que os colegas o ridicularizem por não acompanhar classe são papéis fundamentais do professor, na assessoria do aluno disléxico. Algumas estratégias podem ser adotadas para adaptação do aluno com dislexia, como: o aluno sentar onde é possível ver o rosto do professor e o quadro ou qualquer outro recurso que o professor utilize prazos mais longos para entrega de trabalhos e provas, textos didáticos com trechos importantes destacados, ter assistentes em laboratórios e bibliotecas para auxiliar na tomada de assuntos importantes de investigação.

Na era da informática, um dos grandes recursos que tanto o aluno disléxico, quanto o professor podem aproveitar para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, é o computador. O professor pode desenvolver aulas criativas e solicitar ajuda do aluno, tornando assim as aulas mais proveitosas para todos os alunos (OLIVIER, 2006). De acordo com Alves (2007), o professor deve se interessar e conhecer procedimentos pedagógicos atualizando-se e assim avaliar as mudanças necessárias de métodos e recursos específicos.

Assim sendo, foram identificadas estratégias de intervenções docentes no ensino superior tais como: trabalho individual, análise de texto, composição de texto, questões curtas, apresentação de novas situações para pensarem, analisarem, criticarem e observarem, construção de guiões da matéria, demonstrações em vídeo da parte prática, metas a serem cumpridas, trabalhos de grupo, resumos da matéria, para cada matéria um teste e apresentação de tópicos para estudarem. Especificamente na leitura os docentes utilizam as seguintes estratégias: reconto e resumo de textos lidos anteriormente, repartem as perguntas por partes, só esclarecem dúvidas depois de os alunos lerem os textos, leitura do texto para toda a turma para facilitar a compreensão e na interpretação dando exemplos do que está a ser solicitado. (SILVA E SERRA 2017).

Destaca-se, por fim, a importância em se respeitar as diferenças e fazer da sala de aula um ambiente acolhedor e harmonioso estimula o aluno disléxico a seguir em frente em sua caminhada acadêmica. O professor como mediador do processo ensino-aprendizagem, deve ter claro que conhecer as necessidades do indivíduo resulta em um ensino mais condizente com as

peculiaridades e assim contribui para a minimização dos déficits acarretados pela dislexia (SALLES ET AL., 2004).

O conhecimento do professor sobre a dislexia apresenta imensa importância no pré-diagnóstico, encaminhamento e intervenção (NASCIMENTO ET AL., 2018) sobretudo nos primeiros anos escolares, onde a criança apresenta suas dificuldades iniciais com a leitura e a escrita, seguindo o curso de detecção e intervenção do transtorno. Desta forma, consideramos importante refletir sobre o papel do professor dentro do referido processo, tendo em vista a frequente deficiência na formação deste profissional (TELES, 2004), a qual interfere no sucesso acadêmico e conclusão do ensino superior do aluno disléxico (MANGAS E SÁNCHEZ, 2010).

Dentre as inúmeras dificuldades em lidar com a dislexia, enfrentadas pelos professores, têm-se a falta de estratégias metodológicas para atuar com esse aluno, além da própria falta de informação deste transtorno (PINHEIRO, 2009). Os estudos na área da dislexia na universidade pouco têm sido explorada no Brasil, sendo comprovada a escassa literatura e investigações existentes sobre o assunto. Verifica-se, portanto, a existência de grandes lacunas e entraves na educação das pessoas com o referido transtorno, em observância, no Ensino Superior – ES. Este dilema é vivenciado por muitos discentes, já que estes estão presentes no ambiente acadêmico Mangas e Shánchez (2010), Alves, Filipe e Pereira (2010).

Partindo disso, o objetivo geral deste trabalho foi de conhecer as percepções dos discentes disléxicos em uma Universidade público no Brasil a respeito das estratégias de aprendizagem e apoios utilizadas por eles no ambiente acadêmico.

Nos últimos anos, muitas pesquisas foram desenvolvidas a respeito da dislexia. Como resultado, há hoje dados robustos sobre a natureza, etiologia, diagnóstico, formas de tratamento e evolução deste distúrbio que afeta a vida de tantos indivíduos em todo o mundo. E em meio a tanto conhecimento já construído sobre o tema, entendemos que quanto mais o professor souber e se inteirar sobre os aspectos que envolvem este transtorno, como a aquisição da leitura/escrita e domínio de diferentes métodos e/ou abordagens de ensino, por exemplo, melhor será a atuação dele dentro do processo de aprendizagem do seu aluno. O professor então deixa de ser mero expectador e passa a ser sujeito atuante, não só no processo de identificação e diagnóstico da dislexia, mas também na sua intervenção, que será necessária durante todo o processo de escolarização formal do indivíduo.

A dislexia é um dos destaques dentro do grupo das deficiências de aprendizagem. Infelizmente, muitos indivíduos que possuem o transtorno não têm intervenção precoce nos primeiros anos de escolaridade, por diversas situações, perdendo assim a possibilidade de



reduzir alguns empecilhos em sua forma de aprender, permanecendo com estes até o ES. Como consequência, não é incomum termos de um lado o professor, que se sente frustrado e impotente por não saber lidar adequadamente com essa problemática, e de outro, o aluno, que vivencia o constante sentimento de fracasso no curso do seu desenvolvimento. Essa situação, no contexto escolar, aparece desde a pré-escola e segue até o ES, por isso, nesta investigação, obtemos a possibilidade de desenvolver estratégias e apoios que possam auxiliar aluno/professor na aprendizagem do discente que possui o transtorno da Dislexia.

No ES, há atualmente uma grande mobilização através de ações políticas para inclusão de estudantes com Necessidades Educativas Especiais-NEE e neste grupo, estão inseridos os estudantes com dislexia, conforme aponta Collinson e Penketh (2010). Assim, deve-se favorecer a articulação entre os colegas, os professores e setores de apoio do ensino superior, no sentido de ajudar o aluno acadêmico a lidar com as suas dificuldades, na busca pela redução nos níveis de frustração perante os insucessos, promovendo a sua autoestima e bem-estar emocional.

METODOLOGIA

Para atender aos anseios do estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, sendo realizada uma entrevista com a participação cinco discentes de uma Universidade pública no Brasil, em que estes alunos das áreas de ciências aplicadas, de exatas e de saúde. Foi adotado o seguinte procedimento para a recolha dos dados: inicialmente o envio de um convite para a participação do estudo via *e-mail* institucional pela pesquisadora ao corpo discente da Universidade sem delimitação de área de conhecimento e período que estivessem cursando, com o intuito de que interessados voluntariamente respondessem ao e-mail a partir da autoidentificação.

Após o aceite da participação dos alunos, foi enviado via *e-mail* para todos os participantes envolvidos individualmente um termo de consentimento livre e esclarecido. Em seguida, foi definida a data e a hora da entrevista ocorrendo por vídeo chama *via Google Meet* de modo individual, devido às questões de distanciamento social em função da pandemia da COVID-19. No dia da entrevista, antes do início da mesma, a entrevistadora realizou uma breve explicação sobre o estudo, retomando os objetivos, finalidade e confidencialidade deste, além da solicitação da anuência dos participantes para a gravação da entrevista, com vistas de garantir maior fidelidade no registro das respostas e posteriormente sua análise.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

Logo, o roteiro de perguntas questionário foi organizado e dividido por blocos, a saber: Bloco I - Questionário Sociodemográfico contendo questões com teor específico como, sexo, faixa etária, grau de instrução, curso superior, escolha do curso e, o Bloco II-Estratégias e apoios no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com dislexia. Após isto, foram transcritas e analisadas as respostas fornecidas conforme a sessão a seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da recolha dos dados a partir dos cinco partícipes obteve-se os seguintes perfis neste estudo, os quais, predominantemente do gênero masculino, atestando o que a literatura aponta para a prevalência geral da dislexia no gênero masculino Richardson e Wydell (2003); Medeiros, Azoni e Melo (2017). A faixa etária dos participantes é dos 20 aos 29 anos, sendo todos os participantes ao nível de graduação, sendo dois participantes dos cursos de enfermagem e fisioterapia; um do curso de contabilidade, um do curso de administração; um do curso de engenharia de produção. Identificou-se ainda que quatro partícipes se encontravam entre o 4º e 6º períodos dos seus respectivos cursos e um já estava em fase de conclusão do curso, a saber, enfermagem.

Outro aspecto relevante foi a fase da vida que os alunos foram identificados com dislexia, sendo três no Ensino Médio e dois no Ensino Superior revelando que durante todo o percurso escolar destes alunos não obtiveram um acompanhamento adequado de uma equipe multidisciplinar ocasionando diversas consequências dentre elas, momentos constrangedores e de insegurança diante situações que exigissem as competências da leitura e a escrita.

Quando questionados sobre os avanços acadêmicos, os participantes foram unânimes em afirmarem que ao longo do seu percurso escolar apresentaram dificuldades e consequentemente ao chegar no ES os sentimentos de incompetência acadêmica e de ansiedade continuaram na tentativa de acompanhar as especificidades que o ES exige, tais como autonomia, boa capacidade de leitura, escrita e interpretação. Segundo Mangas e Sánchez (2010), em geral, os alunos com dislexia demonstram sinais específicos, tais como lentidão e dúvidas para a realização de atividades, dificuldades de orientação espacial e temporal, baixa atenção e memorização, dificuldades de organização das informações adquiridas e alterações relacionadas à leitura e a escrita.

Já com relação ao uso dos serviços de apoio de inclusão oferecidos pela Universidade, todos os participantes declararam não os buscar principalmente por timidez, ou por não ter



conhecimento claro da sua própria condição ou por desconhecerem as possibilidades que o próprio serviço de apoio proporciona para o aluno com dislexia. Segundo Medeiros, Azoni e Melo (2017), os fatores que contribuem para a baixa procura pelos estudantes com dislexia são: a dificuldade de diagnóstico, desconhecimento do problema, o preconceito advindo da própria condição; o não reconhecimento da condição vivida; a falta de iniciativa e o difícil acesso ao diagnóstico.

Quanto às práticas inclusivas desenvolvidas pela Universidade destinadas para os alunos com dislexia, cinco participantes dos cursos de engenharia de produção, contabilidade e administração consideraram ser ainda mínimas, pois não conseguiram elencar práticas vivenciadas no cotidiano acadêmico. Já os alunos dos cursos de enfermagem e fisioterapia consideraram que a Instituição de ensino tem se esforçado para inclui-los de modo ético e colaborativo entre seus pares e pelo corpo docente, mas ainda assim, não expressam um serviço de alta qualidade na perspectiva dos cinco participantes.

No tocante as dificuldades encontradas em sala de aula, os alunos disléxicos elencaram os seguintes fatores: disciplinas que exigissem a gramática correta da Língua Portuguesa, dificuldade em realizar leitura, especialmente em voz alta, organizar ideias na forma escrita, interpretar, memorizar conceitos e ampliar vocabulário, destacando a preferência por disciplinas de caráter mais prático a teórico apresentando melhores resultados, apontado de modo unânime pelos participantes a desnecessidade constante da escrita e da leitura nas disciplinas práticas.

Quando questionados sobre as estratégias adotadas por eles durante as disciplinas, os participantes elencaram as seguintes estratégias: resumo da matéria, anotações dos conteúdos em tópicos, software de correção ortográfica, revisão do conteúdo em formato de vídeo, audiobooks, softwares de leitores de tela, conversor de texto escrito em voz, recursos visuais (especialmente os alunos dos cursos de engenharia de produção, enfermagem e fisioterapia) como apoios que buscam para permanecerem e ter êxito acadêmico. Em complemento, afirmaram que na maior parte das vezes optam por softwares e aplicativos por serem mais dinâmicos, ágeis e práticos facilitando o acesso mesmo no ambiente acadêmico. Percebe-se com isso, que as tecnologias assistivas têm se apresentado como aliadas para o desenvolvimento ou auxílio das competências da leitura e da escrita proporcionando mais autonomia e minimizando os déficits que a dislexia ocasiona, diminuindo conseqüentemente o *stress* e ansiedade dos estudantes diante das atividades acadêmicas. Desse modo, observa-se que as



ferramentas tecnológicas têm sido cada vez mais utilizadas por estudantes com dislexia no ES conforme apontam os estudos de (ZAMPAR, 2009; RODRIGUES, 2018).

No que diz respeito à diferenciação do aluno com dislexia com os demais alunos por parte dos docentes, de acordo com os discentes não percebem de forma explícita a diferenciação entre eles e os demais alunos, no entanto, os alunos dos cursos de contabilidade, administração e de engenharia de produção destacaram que parte de alguns docentes tratavam a dislexia como uma doença, sendo taxados como alunos “mais lentos” demonstrando uma concepção errônea e preconceituosa, visto que, a dislexia não está ligada ao QI podendo uma pessoa com essa condição manifestar um QI acima de 115 (FONSECA, 2009). Já ao acolhimento dos colegas de turma, todos os participantes afirmaram ser bem acolhidos, compreendidos e receber apoio na aprendizagem dos conteúdos ante à sua condição.

Ao que diz respeito às estratégias e adaptações pedagógicas que os docentes adotam em suas aulas voltados para os alunos com dislexia os participantes de todos os cursos citaram o tempo adicional nas avaliações, perguntas curtas e objetivas nas proposições das atividades, testes e avaliações, possibilidade de respostas orais. Acrescido a isto, os alunos dos cursos de fisioterapia, enfermagem e administração, destacaram também as seguintes estratégias pelos professores: trabalhos em grupo; disponibilização de resumos do conteúdo; demonstração de vídeos práticos juntamente com a disponibilização textos, palavras-chave em destaque no quadro, aumento no espaçamento entre linhas nas avaliações. Os alunos dos cursos de contabilidade e engenharia de produção compartilharam da ideia de que os professores apesar de praticarem as adaptações já citadas, não se apresentavam muito receptivos para a implementação de novas estratégias e adaptações ao ensino. Já os discentes dos cursos de enfermagem e fisioterapia, citaram ter conhecimento de uma capacitação aos docentes sobre a temática específica compartilhada aos alunos pelos próprios professores.

Diante destas respostas nota-se que ainda há no corpo docente apresentam certa resistência, empatia e atitudes positivas para ampliar suas metodologias que atendam os alunos com dislexia, a saber a compreensão a respeito do tempo necessário para apreensão dos conteúdos pelo aluno disléxico, a motivação, situações de aprendizagem favoráveis e diálogo com este aluno. Se acordo com Cogan (2002), os docentes devem apresentar positividade, ser cuidadosos para não aplicar rótulos nos alunos, proporcionar um ambiente educativo estruturado e ordenado, compreender o ritmo dos alunos, além de valorizá-los.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa “As percepções e estratégias de aprendizagens e apoios aos alunos com dislexia no Ensino Superior”, apresenta a dislexia como uma perturbação neurológica referente à aprendizagem que afeta a capacidade de leitura, sendo iniciada. Uma vez que este é um instrumento cultural de extrema importância social, pois dá acesso a outros conhecimentos historicamente construídos e ao desenvolvimento de outras capacidades, tais dificuldades podem causar nítidos problemas, tanto no plano afetivo quanto social.

Partindo do objetivo geral do trabalho de conhecer as percepções dos discentes com dislexia em uma Universidade pública do Brasil a respeito das estratégias de aprendizagem e apoios utilizados e recebidos por eles no ambiente acadêmico revelou a necessidade de conhecer as características, estratégias e apoios que o aprendiz com dislexia carece para assim, se obter uma intervenção e acompanhamento ajustado a cada caso, além da minimização de dificuldades e prejuízos de ordem acadêmicas, sociais e emocionais no sujeito com dislexia.

A relevância de tratar sobre a dislexia no Ensino Superior é de contribuir para a discussão desta temática, tendo em vista, o número ainda incipiente de pesquisas relacionadas a respeito das estratégias de aprendizagens e apoios utilizados por discentes disléxicos na Universidade, pois em sua maioria tem o foco na criança, além, de desmistificar conceitos e paradigmas tais como: “ a dislexia desaparece na idade adulta”, “ a dislexia apresenta-se apenas na infância”, “ a pessoa com dislexia não acende a Universidade”, entre outras ideias. Desta forma, permite a reflexão de como estes alunos se percebem no ambiente acadêmico, proporcionando protagonismo diante de suas demandas mesmo com um quantitativo pequeno de alunos participantes.

Logo, não teve a pretensão de esgotar o assunto abordado, todavia, de contribuir para despertá-lo em futuros estudos que abordem a temática tendo em vista, a grande relevância para a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. FILIPE, L. E PEREIRA, A.. **Dislexia no Ensino Superior: contributos do Serviço de apoio ao Estudante e do Centro de Recursos para a Inclusão Digital do Instituto Politécnico de Leiria**. Leiria: IPLeiria, 2011.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

AMERICA PSYQUIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5)**. Washington, DC: Author, 2014.

BASSO, F. P. ET AL.. A produção textual escrita de adultos com dislexia de desenvolvimento. **Revista Neuropsicologia Latino-americana**, V. 9. N.2, P.19-32, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4395/439552509003.pdf>

BOGDANOWICZ, K., ŁOCKIEWICZ, M., BOGDANOWICZ, M. E PACHAKALSKA M. Characteristics of cognitive deficits and writing skills of Polish adults with developmental dyslexia. **J Psychophysiol**. V. 93,N1,P.78-83, 2014.

BRUCK, M.. Word recognition skills of adults with childhood diagnoses of dyslexia. **RevPsychol**, V26, P.430-54, 1990.

COLLINSON, C. E PENKETH, C. . ‘Sit in the corner and don’t eat the crayons’: postgraduates with dyslexia and the dominant ‘lexic’ discourse. **Disability & Society**, V.25, N 1, P. 7-19, 2010.

DEHAENE, S.. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

FONSECA, V. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura, **Revista Psicopedagógica**. vol.26 nº.81: São Paulo. 2009.

INÁCIO, A.. **Dificuldades de leitura em adultos sinalizados com dislexia: análise de alguns preditores cognitivos**. [Tese de Doutorado], Faro: Universidade de Algarve, 2015 Disponível em:< https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8357/1/TESE_reformulada_final_a37150_pdf.pdf> Acesso em 28 Set 2021.

LAW, J. M., VANDERMONSTEM, M., GHESQUIERE, P. E WOUTERS, J.. The relationship of phonological ability, speech perception, and auditory perception in adults with dyslexia. **Front HumNeurosci**. V.8, P.1-12, 2014.

MANGAS, C., E SÁNCHEZ, J.. A dislexia no ensino superior: características, consequências e estratégias de intervenção. **Revista Iberoamericana de Educación/ Revista Iberoamericana de Educação**, 2010.

MEDEIROS, E. C. DE M. R., AZONI, C. A. S., E MELO, F. R. L. V. DE. . Estudantes com dislexia no ensino superior e a atuação do núcleo de acessibilidade da UFRN. **Inclusão Social**, V 11, N 1, 2018. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4085>> Acesso em: 08 Out 2021.

MOONJEE, S. M. P.; BASSÔA, A. E GONÇALVES, H. A. . Características da dislexia de desenvolvimento e sua manifestação na idade adulta. **Revista Psicopedagogia**, V.33, N 100, 2016. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/17/caracteristicas>>



[da-dislexia-de-desenvolvimento-e-sua-manifestacao-na-idade-adulta](#) . Acesso em 02 set. 2021.

NASCIMENTO, I. S. DO; ROSAL, A. G.C. E QUEIROGA, B. A. M. DE. Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia. **Rev. CEFAC**, vol.20, nº 1, São Paulo., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462018000100087&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 03 Out. 2021.

OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID -10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PINHEIRO, S. M. S. L. R.. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem: a Dislexia**. [Dissertação de mestrado], Universidade Portucalense Infante D. Henrique. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/89/2/TME%20386.pdf> > Acesso em 05 Out 2021.

ROCHA, M., CABUSSÚ, M., SOARES, V.; LUCENA, R.. **Dislexia: atitudes de inclusão**. 2009.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S.. Transtorno da linguagem escrita-dislexia. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**, P.151-164, 2006.
RICHARDSON, J. & WYDELL, T. The representation and attainment of students with dyslexia in UK higher education. Reading and Writing: **Interdisciplinary Journal**, V. 16, P-475-503. 2003.

SHAYWITZ, S.. **Entendendo a dislexia, um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Artmed: Porto Alegre, 2006.

SNOWLING, M.; HULME, C.. A ciência da Leitura. **Porto Alegria**: Penso, 2013.

VELLUTINO, F. R.; FLETCHER, J. M. (2013). Dislexia do desenvolvimento. In SNOWLING, M. J. & HULME, C. (Eds.). **A ciência da leitura**, Porto Alegre: Penso. P. 380-396 2013.

TANNOCK, R. . **DSM5 mudanças nos critérios diagnósticos para Dificuldades de Aprendizagem Específicas (SLD): Quais são as implicações?** Disponível em: <<http://www.interdys.org/>> Acesso em 20 Set 2021.

TELES, P.. Dislexia: Como identificar? Como intervir? **Rev Port Clin Geral**;20, P.713-30. 2004. Disponível em: <<https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10097/9834>> Acesso em: 05 out 2021.

ZAMPAR, J. A. S. . **O estudante com deficiência no ensino superior**. VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, P-151-159, 2013.